

## ILHA DAS FLORES: UMA CRÍTICA À CONDIÇÃO HUMANA

**THAÍS YUMI  
SHIRANE**

*Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de  
Ribeirão Preto da  
Universidade de São  
Paulo, Ribeirão Preto/  
SP, Brasil*

O documentário *Ilha das Flores* (1989), dirigido por Jorge Furtado, retrata a condição em que vivem os moradores da Ilha das Flores, um município da região metropolitana de Porto Alegre, destinado ao depósito de lixo. Com seu tom irônico e sarcástico, o curta-metragem denuncia uma realidade chocante na qual algumas pessoas são tratadas de modo inferior aos porcos, pois na Ilha das Flores os porcos têm prioridade na escolha dos melhores alimentos do lixão, restando, aos moradores, as sobras do lixo. Um tomate estragado, que nem sequer fora considerado um alimento adequado aos porcos, se torna alvo de disputa pelas mulheres e crianças da Ilha das Flores. Essa é a realidade retratada no documentário.

As diversas contradições apresentadas no documentário engendram pesadas críticas sociais. A começar pelo nome “Ilha das Flores”, um local que em nada lembra flores. Ao invés de flores, que geralmente remetem à vivacidade das cores e ao odor agradável, lá encontra-se o lixo, nocivo e fedorento. A menção de inúmeras conquistas, como as grandes Pirâmides e a arquitetura da Grécia Antiga, em oposição à criação da bomba nuclear, obra também humana, põe em dúvida o benefício da racionalidade humana e os maus usos do conhecimento. A água, geralmente conhecida como substância inodora, insípida e incolor, na Ilha das Flores adquire outra significação: de cor escura e com cheiro forte, assim como toda a paisagem do local. Um aspecto desagradável e fétido paira sobre o depósito de lixo.

A enfadonha repetição da definição biológica de ser humano — animal com telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor — presentifica a crítica do documentário, questionando o quanto essa característica constrói, de fato, aquilo que é comum a todos os humanos. A referência ao holocausto, contrapondo a natureza humana dos judeus com o genocídio que sofreram durante o regime nazista, onde pilhas de corpos esqueléticos dos judeus se amontavam nas ruas, contesta essa suposta igualdade. Por isso, se por um lado o discurso da ciência biológica equipara todos os seres humanos como semelhantes, por outro lado tal percepção não se sustenta em *Ilha das Flores* (Souza & Fracasse, 2013), já que os porcos estão mais próximos da condição social humana do que as próprias pessoas da ilha.

A partir da trajetória de um simples tomate, desde sua colheita até o seu descarte no lixão, o documentário revela como a realidade é construída e significada em uma rede de relações sociais. De um simples tomate, um único elemento na imensidão do lixão, partem-se diversas interações: produzido pelo agricultor Suzuki, trocado por dinheiro com o supermercado, comprado pela dona Anete com o dinheiro da venda de perfumes e descartado no lixo por não servir para o molho de tomate para a carne de porco, o fruto se encontra, por fim, disponível para os seres humanos da Ilha das Flores. Toda a trama, emaranhada de interações sociais, destina-se à crítica à desigualdade social, onde a realidade é sobreviver às custas do lixo, em uma situação inferior aos porcos, embora estes sejam criados tão somente para alimentação humana.

Além do cenário das microrrelações que constituem a complexa realidade de desigualdade da Ilha das Flores, tais como as exemplificadas pelo tomate, há também o efeito das macronarrativas, isto é, dos discursos sociais institucionalizados que compõem a nossa maneira de organizar, explicar e atribuir significado às circunstâncias de nossa vida (Anderson, 2009; Gergen & Gergen, 2010). Assim, por exemplo, a menção à época do sistema de troca direta até a criação do dinheiro, do surgimento do lucro, antes proibido e hoje livre para todos, da produção exagerada de bens materiais, resultando no consumo desenfreado e na geração de quantidades absurdas de lixo, além de outras incontáveis relações passadas, presentes e futuras estabeleceram o discurso capitalista. Vivido como inquestionável, esse discurso naturaliza a extrema desigualdade socioeconômica que conhecemos.

O curta-metragem aponta a organização de uma determinada ordem social, “uma ordem onde tudo é produzido para ocupar um espaço determinado e aparentemente inquestionável” (Fiuza, 2008, p. 249). O capitalismo, assentado sobre o curso supostamente natural da história humana, não afetou apenas a economia global, mas também determinou um novo padrão de vida, decretando, àqueles que não se enquadram em sua verdade, a condição desumana de miséria e fome, tal como na Ilha das Flores. Nessa lógica, prioriza-se outro entendimento de ser humano, a concepção de consumidor. Ao invés de possuir um “telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor”, é necessário antes de tudo ter dinheiro, pois só assim o sujeito pode ser tratado como pessoa. Por isso, os habitantes da Ilha das Flores, ao contrário dos demais humanos retratados ao longo do curta, são considerados como “seres humanos com telencéfalo altamente desenvolvido, polegar opositor e nenhum dinheiro”, o que os torna inferiores a alguns seres humanos e aos porcos, uma vez que estes, mesmo que não tenham um polegar opositor, por possuírem um dono, ou melhor, um dono com dinheiro, se encontram em uma posição superior à dos humanos da Ilha.

Vale destacar, entretanto, que o curta-metragem não propõe uma crítica ao fenômeno da desigualdade social em si, mas à própria condição humana. A realidade, ou melhor, as realidades — haja vista que cada pessoa tem uma compreensão particular sobre o mundo, conforme suas próprias interações sociais — são produtos das ações humanas e, portanto, se modificam a todo instante e estão sujeitas a múltiplas interpretações. Dessa forma, os problemas do cotidiano não devem ser abordados como fenômenos naturais, autônomos, como se tivessem uma existência própria, mas sim como produções do homem, criados e alimentados por ele. A lógica capitalista nasceu de uma convenção social, logo suas consequências também o são. Sendo uma construção social, é passível de questionamento, posto que é apenas uma das maneiras de conceber o mundo, que “sustenta certas tradições, carregadas de valores particulares, ao passo que, simultaneamente, ignora tudo o que estiver fora delas” (Gergen & Gergen, 2010, p. 36).

Os autores construcionistas convidam a constantemente nos questionarmos, não apenas sobre os conteúdos dos mundos construídos, mas sobre os processos por meio dos quais as construções se produzem e se institucionalizam. Esses teóricos buscam refletir sobre quais tradições são respeitadas ou desfavorecidas, quais vozes são empoderadas ou caladas, quem é privilegiado e quem é rejeitado quando assumimos determinadas concepções de mundo, e que valores são promovidos (Gergen & Gergen, 2010).

Assim, ao mostrar como a realidade na Ilha das Flores é construída nas interações sociais, o curta-metragem revela a participação humana na construção e a significação do mundo, sendo, portanto, responsável pelas condições miseráveis de algumas populações. Por isso, cabe a todos nós termos um posicionamento crítico diante das realidades que construímos, cientes de que somos responsáveis pelos efeitos de nossos atos no mundo, que afetam, inclusive, a vida de outras pessoas.

## REFERÊNCIAS

- Anderson, H.** (2009). Self: narrativa, identidade e ação. In: Anderson, H. *Conversação, linguagem e possibilidades*. (pp. 177-196). Porto Alegre: Artmed, 2009.
- Fiuza, A. F.** (2008). O resto é verdade: história e ficção em sala de aula no curta-metragem Ilha das Flores. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, (32), 243-253. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5104/art18\\_32.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5104/art18_32.pdf)
- Gergen, K.J., & Gergen, M.** (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Editora Instituto Noos, 2010.
- Souza, R.A., & Fracasse, L.** (2013). O uso da ironia na construção da crítica social no curta-metragem Ilha das Flores. *Revista Intersecções*, 6 (10), 123-139.
- 

## THAÍS YUMI SHIRANE

Graduanda no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

<https://orcid.org/0000-0002-0646-8822>

E-mail: [thais.shirane@usp.br](mailto:thais.shirane@usp.br)